

Melancolia Pop: Confissões do Rapaz mais Triste do mundo

Denilson Lopes¹

Resumo: Na adolescência fui seduzido por um universo das bandas inglesas e brasileiras dos anos 80. Me atraía o gótico pelo gosto sóbrio das roupas pretas e adorava andar pelas ruas de Brasília de cabelo comprido, camisas de gola de padre e sobretudo. Mas a atração não era só por uma forma de se vestir, era por uma forma de estar no mundo. Londres, Brasília, Berlin ocidental e São Paulo pareciam estar vizinhas nas fitas cassetes trocadas de álbuns só disponíveis a quem viajava ao exterior ou enviadas pelo correio. As referências também se estenderam no tempo desde a descoberta dos dilemas do protagonista de *A náusea de Sartre*, cujo nome original seria Melancolia. Creio que meu gosto por poesias românticas e simbolistas do século XIX, temas do meu projeto de Iniciação Científica, vieram pelas canções de *Siouxsie and the Banshees*, *The Cure*, *Smiths*, *Echo and the Bunnymen*. Diante do negacionismo da dor e o culto da felicidade a qualquer custo, a discussão sobre a melancolia através da arte foi um aprendizado sustentado por um embate com a morte que tem uma história na Modernidade, que passa pelos príncipes em crise do Barroco, pelos românticos suicidas, pelos dândis decadentistas. Estou tentando mapear esta sensibilidade em diálogo com a cultura midiática, aqui partindo de uma experiência pós-punk nos anos 1980 bem de uma leitura *queer* que tem resgatado afetos menores como a melancolia.

Palavras-chave: Melancolia. Pós-punk. Queer.

¹ Professor titular da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pesquisador do CNPq e da FAPERJ. Autor de *Mário Peixoto antes e depois de Limite* (2012), *Afetos, Experiências e Encontros com Filmes Brasileiros Contemporâneos* (2016), *No Coração do Mundo: Paisagens Transculturais* (2012); *A Delicadeza: Estética, Experiência e Paisagens* (2007); *O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaios* (2002); *Nós os Mortos: Melancolia e Neo-Barroco* (1999) e co-autor com André Antonio Barbosa, Pedro Pinheiro Neves e Ricardo Duarte Filho de *Inúteis, Frívolos e Distantes: à procura dos Dândis* (2019).

O sonho acabou

Comecei a fazer uma lista de músicas, filmes, romances, mas o que os poderia unir? Se fosse o que eu conhecia e gostava mais, eles acabavam, de uma forma ou de outra, me levando aos anos 80 e 90 do século passado. Fariam eles algum sentido nesse mundo após a pandemia do Coronavírus, quando o funk, o hip hop e o sertanejo parecem imperar em meio ao mundo de games e batalhas morais nas redes virtuais? Me afasto do presente e me aproximo mais do fim. Lá, nesse passado, a morte povoava meu imaginário, agora ela está mais presente no corpo que envelhece. Como dialogar presente e passado?

Mark Fisher (2022) em *Fantasma da minha vida*, irritado com a cultura dos *revivals* e nostalgia no universo pop das primeiras décadas do milênio, volta aos anos 70 na Inglaterra, não só, segundo ele, pela diversidade musical, mas pelas possibilidades de reinvenção da vida, o que ele chamou de modernismo popular, antes da era Thatcher. Pensei no Brasil, com o fim oficial da ditadura civil militar em 1984, eu entrando na universidade, bandas, muitas bandas de rock, em shows e clipes. Pela revista *Bizz* me antenava com um cenário fragmentado do pós-punk, pelo Folhetim da *Folha de São Paulo* me aproximava dos desencantos com grandes utopias pelo pós-modernismo, no Festival de Cinema de Brasília assistia, com entusiasmo, as estreias do Neon Realismo, filmes que me pareciam mais próximos do que o Cinema Novo, já canonizado como a literatura moderna que ia de Machado de Assis a Clarice Lispector. Talvez a música possa ser um ponto de partida para esse passado, mas encontros ultrapassam shows e festas, mostras de cinema e peças de teatro.

O que vai se seguir são, portanto, fragmentos de lembranças sem pretensão do que o que será dito tenha validade para uma geração. Estamos em Brasília. Os vestígios da contracultura apareciam na feira da torre de televisão no fim de semana, na Chapada dos Veadeiros e em *O sonho não acabou* de Sergio Rezende, curiosamente filmado em

Brasília e lançado em 1982. Não fui punk, nem seria yuppie, não fui hippie tardio nem seria militante estudantil a se juntar ao PT, fundado em 1980. Muitos de seus personagens foram esquecidos, mas queria tentar lembrar para que vissem o que eu ouvi, ouvissem o que vi, talvez mesmo sentissem o que senti. Nem sempre as referências serão citadas para não interromper a estória, mas elas poderão ser desenvolvidas em outro texto se houver interesse. Tudo se passou muito entre livros, imagens e sons até eles se confundirem e parecerem ser meus, parecerem ser eu. Agora, sim, essas são as confissões do rapaz mais triste do mundo.

Bowie como anjo da história

“Por onde começar? Uma música? Em 1984, com Brasília em estado de emergência, fugindo pela primeira e última vez da polícia lançando gás lacrimogêneo, ouvia algo assim “*Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora, / Não espera acontecer*”. Algum colega de colégio dissera que era de um cantor perseguido pela ditadura chamado Geraldo Vandré. 1984 ano em que a emenda para eleição diretas para presidente da república foi derrotada, numa terça, enquanto colocava alto do meu quarto “*Menestrel das Alagoas*”, cantada por Fafá de Belém, música lançada no ano anterior, um dos hinos da campanha das Diretas Já. Na sexta-feira seguinte fui ver a estreia de “*Jango*”² de Silvio Tendler. Pouco sabia da história do último presidente brasileiro antes do golpe de 1964. Ainda me lembro da voz de Milton Nascimento ecoando no cinema, mas não a canção, as luzes acendendo, as lágrimas que não paravam de escorrer, tanto que não conseguia levantar da cadeira até que uma voz de senhora me disse muito suave enquanto acariciava os cabelos que então tinha: “Não chore, não, meu filho. Os tempos podem mudar”.

² Link de acesso ao filme: < <https://www.youtube.com/watch?v=SaU6pIBv9f4> >. Acesso em: 5 de set. de 2023.

1984 foi o ano do meu último semestre do segundo grau e do primeiro semestre na universidade, ainda ano de separação dos meus pais. Intenso foi aquele agora, mas uma música desse ano que tenha ficado por tudo que falei e pelo que ainda não sei se foi *How soon is now*³ dos Smiths, que começa assim: “*Sou o filho e o herdeiro de uma timidez que é criminosamente vulgar. Sou o filho e o herdeiro de nada em particular*”. A guitarra parecia dar um grito. A voz era suave. Em meio a tantas confusões e incertezas, qual seria a história, a que e a quem me apegar? Sem resposta, o desamparo se ancorava naquela música. Encarnando o clichê pré-revolução sexual dos adolescentes que não eram gays, mas tímidos (SEDGWICK, 2003) ouvia essa música enquanto ia às primeiras festas e dizia o que só um adolescente ou alguém com a coragem de um adolescente poderia sentir ou dizer: “*Vai acontecer agora/ Bem, quando exatamente você quer dizer? Veja, já esperei demais/ E toda minha esperança acabou*”. Mas o que Morrissey cantava era o que sentia ou sentia por gostar da música? E o que sentia quando ouvia era alegria. Dançando não estava só mesmo que não conhecesse ninguém naquela festa. Não, a música não expressava só o que eu sentia, ela era uma companhia. Não tinha nenhum desejo de conhecer ou saber quem era quem cantava, Morrissey só me interessava naquele momento porque cantava, quando aparecia nos cliques . Nunca quis saber de sua vida privada, menos ainda de suas opiniões. Criado mais pelo mundo das imagens, não foi à toa que toda vez que vi quem admirava em shows, as performances ao vivo pareciam sempre decepcionantes.

Anos depois, ali estava Morrissey cantando há poucos metros, mas a vida, a vida estava, poderia estar em outro lugar. O que mudava era saber que ao meu lado alguém que não conhecia e, pouco via no escuro devido ao alto grau de miopia, cantava a mesma canção. Essa canção não levava a nenhuma celebração nem levou a nenhum encontro, mas mantinha o desejo de que eu e ele estivéssemos ali juntos.

³ Link de acesso ao clipe: < <https://www.youtube.com/watch?v=hnpLLIlo9ek>>. Acesso em: 5 de set. de 2023.

Nunca fui um frequentador regular de um lugar ou festas. Nunca tive a sensação de conhecer aquelas pessoas mesmo sem nunca falar com elas como acontecia numa cena antológica de *Dancer from the Dance* (1978) de Andrew Holleran. Sem saber nomear era uma espécie de culto ou missa. Eu que era ateu, ou, como dizia para aparecer mais inteligente e aberto, agnóstico, desde os 13 anos. Eu que só dançaria numa igreja muitos anos depois. De todo modo, só acabava reconhecendo ou reencontrando quem já conhecia ou tinha visto durante o dia. O que não era tão difícil em Brasília nas festas que ia até porque muitas das melhores festas aconteciam na faculdade de arquitetura, do lado da faculdade de comunicação onde estudava.

Brasília era Londres (ou Manchester?). O céu imenso e claro do planalto central, nas noites secas de julho, traziam mensagens que cruzavam o *Dark Atlantic* (RODRIGUEZ, 2022). O cruzamento do oceano não me levou à afrodiáspora negra. Bem longe de mim estavam as batidas afroancestrais. Mas a pergunta ainda ecoava. Herdeiro de que, de quem? Curioso que, diferente da maior parte dos fãs de rock brasileiro dos anos 80, nunca vi um show da Legião Urbana. Não sei se porque foram logo para o Rio de Janeiro, nunca vi um show do *Aborto Elétrico* porque era muito novo e não frequentava nem tinha simpatia pelo estilo agressivo do circuito punk. Apesar das várias canções melancólicas da Legião nos anos que se seguiram, o tom messiânico que a maior estrela do rock brasileiro assumia, chamado por Ezequiel Neves, produtor de Cazuza, como o bispo Edir Macedo do Rock Br, só foi desfeita perto do fim, no álbum solo feito em inglês em celebração do levante de Stonewall acontecido em 1969, a longa entrevista para *Bizz* em que fazia seu *coming out* e, por fim, a morte decorrente da AIDS, sobre a qual, acho, não falou, mas que se complementaram com as cartas-crônicas de Caio Fernando Abreu publicadas no *Estado de São Paulo*. Caio e Renato morreram no mesmo ano, em 1996, por pouco não foram salvos pelo *cocktail*. Com eles, fecharam as mortes de pessoas causadas pela AIDS, iniciada por Michel

Foucault, em 1984, novamente este ano.... Renato poderia ter sido um irmão mais velho, mas precisava mais do que isso.

Ainda na graduação, Mario Salimon, um colega mais adiantado no curso de Jornalismo, que teve uma banda não por acaso chamado *Fama*, gravou várias fitas cassetes pra mim. Aliás, achava, em geral, os estudantes de jornalismo mais legais e antenados do que os de cinema. Os estudantes de cinema viviam tentando (tentando porque película era cara) fazer documentários sobre os pioneiros de Brasília, sobre a periferia de Brasília. E, sinceramente, era tudo que eu não queria ver no cinema. Enfim, sem ele saber ou talvez soubesse, aquelas fitas cassetes me deram um passado, um ancestral. David Bowie estava escrito nas laterais das fitas e conheci finalmente vários de seus álbuns dos anos 70. Então, só me lembrava que ele tinha lançado há alguns anos *Let's Dance* que tinha feito muito sucesso e só. Seus discos anteriores não tinham sido lançados no Brasil.

Agradei o presente. Levei as fitas para ouvir em casa. Novamente, que música? *Time*, lançado em *Aladdin Sane* (1973). A cena teve várias versões. Poderia ser num cabaré: “*Tempo, ele está sobre as asas/Ele fala de coisas sem sentido/Sua fala (ou como traduzir melhor script?) é você e eu, garoto. Tempo, ele se dobra como uma puta/ se joga no chão se masturbando, sua ilusão é você e eu, garoto*”. Poderia ser também o anjo da história de Walter Benjamin vendo as ruínas do passado, muito mais belo que o *Angelus Novus* de Klee. Foi em introdução à sociologia ensinado num auditório por Barbara Freitag ou foi em sociologia da comunicação que li, pela primeira vez, *As Teses sobre a História?* Enquanto tentava me lembrar, as asas do anjo se abriam por cima da cabeça da aranha na *Glass Spider Tour*⁴. Poderia ser também em *Velvet Goldmine* (1998) de Todd Haynes, mas nesse filme, apesar do título ser o mesmo de uma música pouco conhecida de David Bowie, nada dele é tocado, mas ele está em todos os momentos. *Time*, a canção que ouvia então pela primeira vez fez de mim, de você, não

⁴ Link de acesso ao show: < <https://www.youtube.com/watch?v=xIxLAgFgn1Y>>.

só um garoto sozinho apanhado na noite, lançado em um canto qualquer, mas esta música me apontava a uma linhagem de encontros inconstantes e marcantes, encenados por Todd Haynes, que eu mal podia imaginar. Diferente de *Onde andará Dulce Veiga?* de Caio Fernando Abreu ou de *Velvet Goldmine*, não era um jornalista à procura de uma estrela desaparecida, nem mesmo cantava no fim da estória (e qual seria a minha canção ou a minha estória?). Seria como aquela música tocando num velho rádio sem ninguém para ouvir quando tudo isto já tivesse se perdido há muito muito tempo no passado? Um beijo precisou cruzar o oceano Atlântico e um século, de Oscar Wilde, Bowie, Morrissey, mas, agora eu sabia, não tinha dúvidas (eu tinha um corpo para tocar e ser tocado). Pelo menos enquanto durasse aquela música. Se não aconteceu. Eu sei que vai acontecer com você. Por favor espere, cantavam juntos Bowie⁵ and Morrissey “*I Know it’s gonna happen some day*”.

***Killing moon* ainda está tocando**

Ele me levava de carro uma vez mais pra casa depois de assistirmos a uma palestra de Olgária Matos no seminário *Os Sentidos da Paixão*, promovido pela Funarte em várias cidades. Em 1987, foi em Brasília. Foi quando descobri que a melancolia poderia ser algo a ser estudado na universidade e não só algo que eu lia nos poetas românticos e simbolistas, que ouvia nas canções pop, algo que sentia sem saber como nomear. O primeiro disco da Legião Urbana, lançado em 1984 entrou no primeiro seminário que fiz na faculdade para Thereza Negrão, professora de *Cultura Brasileira: Da Tropicália à Legião Urbana*. Outro dia também fui lembrado por outra professora, Clara Alvim, de uma aula de rock que tinha dado. Angélica Madeira me deixou misturar, durante três anos, no projeto de iniciação científica, as bandas de rock que gostava com os poetas românticos e simbolistas que estudávamos. Se não tinha muito

⁵ Link de acesso a performance: < <https://www.youtube.com/watch?v=QnKvpOYbOJQ>>.

proximidade dos professores nostálgicos de revoluções e guerrilhas, creio, e é como uma sensação mais do que tristeza, de fracasso, que tive, ao menos, professoras mais abertas aos meus gostos pós-adolescentes do que sou hoje com os gostos de meus alunos.

De todo modo, mesmo sem saber, era a melancolia, sua história que estudaria depois. Diferente de seu sentido comum de uma vaga tristeza, só entenderia a melancolia muito recentemente, não opondo-a à alegria. Quanto mais me aproximava de casa, mais queria não chegar, atravessando o escuro e silencioso eixo monumental. Depois de ter aulas o dia inteiro na UnB, ficava atento, noite após noite, sempre sentado ao lado dele num auditório lotado. José Americo Pessanha, quase no fim de sua palestra, dizia o que seus alunos na UFRJ conheciam bem, mas que eu nunca tinha ouvido: Se Sherazade fosse e mil e uma noite tivéssemos... Mais uma vez a seu lado. Não me importava para onde, embora eu sempre soubesse para onde íamos. “*My love in a car*”⁶ poderia cantar o duo *House of Love*. Ele não era de falar muito. Sua banda favorita era *Echo and the Bunnymen* e eu sempre implicava com ele, (defendendo *Siouxsie and the Banshees*) só para ouvir seus lábios grossos se abrirem, os olhos verdes sorrirem. Sempre gentil, tão gentil que me deixava pegar sua mão para colocá-la perto da minha, no auditório, mas, tempos depois, ele arrumou uma namorada e escrevi uma carta que coloquei num envelope na frente da sala de estudos dele no Departamento de Economia. Nunca mais nos falamos. Ele foi fazer mestrado no Rio de Janeiro. Durante muito tempo, não conseguia ouvir “*Killing Moon*”⁷. Nos encontramos uma vez por acaso, entrando num teatro, dois sorrisos desencontrados. “O destino contra a vontade. Eu esperaria até que ele se desse para mim.” Mas não aconteceu.

Nunca falei com ninguém sobre o que tinha acontecido até hoje. Sem querer mostrar as lágrimas que por vezes escorriam inesperadamente, enchi três pequenos

⁶ Link de acesso a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=sUSI7OHdjTo>>.

⁷ Link de acesso a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=LWz0JC7afNQ>>.

cadernos de anotações que se perderam em algum lugar. Restaram as músicas e estas bandas inglesas do que falta de palavra melhor, se chamou vagamente, de pós-punk. Entre as que tiveram mais sucesso, a que mais gostava foi *The Cure*, tendo chegado a tocar em ginásios por várias cidades no Brasil, mas não por Brasília. Bem antes, *Pornography* de 1982 era o álbum deles que mais ouvia. Mais do que canções a serem cantadas, eram paisagem a ser caminhadas, uma atmosfera a ser sentida. Era sexta-feira e não estava apaixonado. Poderia ser Charlotte⁸ deitada sem ninguém para me despertar a não ser o alarme do relógio. Andava por livros, discos e filmes. Paisagens desconhecidas sem sair do lugar. Sem nada nem ninguém que pudesse ocupar o lugar dos livros, filmes e discos. Por vezes parecia que nunca sairia daquelas profundezas mesmo quando a fita cassete parava de tocar. E ficava não sei por quanto tempo deitado, olhando pela janela antes de pegar mais um livro para ler...

Na mesma época, na feira do livro, comprei, por acaso, um livro pelo nome: *A Náusea* de um autor que não tinha lido: Jean Paul Sartre. Ninguém tinha me falado dele. Não era como Clarice Lispector ou Machado de Assis que li na escola. Comecei a ler. Ainda era dia e só sei que quando parei não ouvia nenhum barulho. Tudo escuro. Nenhuma luz acesa por perto. Só sentia que tinha, ia continuar. Antoine Roquetin, o protagonista, descobre na voz de uma cantora negra que queria escrever um romance e não um livro de história. Era isto o que ele ia fazer, a partir daquele momento. Talvez anos depois, ele ainda se lembraria daquela música porque foi naquele momento que tudo começou ou tudo fez um sentido mesmo que isto não significasse nada para mais ninguém. O livro terminava e meu corpo tremia como se tivesse febre. Não me contive quando soube que o primeiro título que o autor dera ao livro era justamente *Melancolia*. Caí exausto na cama, todo suado, com a mesma alegria com que me masturbava.

Nem existencialismo, nem melancolia tinham substância filosófica então. Tudo era visto, lido, ouvido, pela curiosidade da sensibilidade. Assim, me chegou Emil

⁸ Link de acesso a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=4KeII31qyck>>.

Cioran em fragmentos traduzidos pela revista *Víbora*, creio, que bem antes de alguma tradução de seus livros. Empossado desde então no meu panteão. Quando perguntado por algum jornalista, quando já, creio, passava dos oitenta anos, porque não tinha se matado apesar de ter falado tanto sobre a morte; ele simplesmente respondeu que não se matara, até então, porque a vida não era algo tão importante assim. Cioran morrerá em 1996 de Alzheimer. Tinha então a sensação que nunca chegaria aos trinta anos, que os amanheceres dilacerados iriam um dia explodir tudo de dentro para a fora. Mas ainda não, ainda não.

Nas ruas, sim, nas ruas de Brasília, não me lembro de me chamarem de viado, nem no colégio, mas às vezes, me chamaram de *dark* (sempre é bom lembrar que somos o que julgamos ou podemos ser, mas também como os outros nos veem). Certamente, estava próximo dos góticos, mas, tanto quanto posso entender, não sentia fazer parte de uma subcultura, ainda que tivesse uma forma de vestir e gostos parecidos, nem de uma cena determinada por certos espaços regularmente frequentados. Raramente conheci pessoas na noite. Em geral, encontrava quem já conhecia de dia. Como disse, acho que estava mais próximo de uma sensibilidade quando lia, ouvia música ou escrevia e dos poucos amigos em torno da UnB. Também não tinha a lógica do fã, do colecionador de tudo que se relacionava com uma banda ou cantor, discos ou entrevistas.

Entre as bandas de rock de Brasília, *Legião Urbana* lança o primeiro LP quando entrei na universidade, no fatídico 1984. Quase fui aluno do Renato Russo na Cultura Inglesa antes dele ser expulso por xingar a diretora. Tinha um amigo em comum com o pessoal da *Plebe Rude* mas punk e panfletário nunca foi nem é minha praia. Que, ao menos, a música fosse poupado de slogans e palavras de ordem. *Finis Africae* era bom de dançar com cara de triste, mas a descoberta foi *Arte no Escuro*, a única banda que tinha uma vocalista, Marielle que depois do naufrágio da má produção do primeiro disco cria *Volcana*, uma banda heavy metal só de mulheres, outra praia que não frequentaria, quero dizer, o heavy metal. Do *Arte no Escuro*, foi o mais próximo que

cheguei a ser de groupie. A voz frágil, as fantasias sado-masoquistas⁹ muitos distantes das minhas, no entanto, criaram um duplo para *Siouxsie and the Banshees*, primeira dessas bandas a se apresentar no Brasil, em 1986, que não vi, embora já tivesse ficado muito impactado pelo registro de *Nocturne*¹⁰, em Londres, no Albert Hall, com abertura com *A Sagração da Primavera* de Stravinsky e um término de crescente dissonância em “*Voodoo Dolly*” a partir do grito, que pensava dizer “*Listen to your feelings*” mas era “*Listen to your fear*”.

Esse chamado, momento mesmo de dissolução da canção me levou senão ao experimentalismo radical do noise (NOVAK, 2015) mas a uma canção que ouvi quando fui a primeira e única vez ao Crepúsculo de Cubatão, no Rio de Janeiro, que abriu, com mais essa coincidência, em 1984. Quando comecei a ouvir, não conseguia para de pular, na minha lembrança bati a cabeça em algum lugar e caí no chão e os drinks de maracujá, para quem não tinha hábito de beber, devem ter se misturado com o suor, a falta de água que me levaram direto para o banheiro, só guardando de cabeça uma frase “*Never understand*”¹¹, como aconteceria com muitas bandas de shoegaze em que a música se superpunha ao vocal, à letra. Só depois fui achar essa música no primeiro álbum de *Jesus and Mary Chain, Psychocandy* (1985). Nunca entender. Nunca ser entendido. Nunca entender você. O que importava se era divertido. Apesar do grito final, a voz era suave e a música ficaria ainda mais no segundo álbum, *Darklands* (1987).

Uma revista e um amigo

Mas a maior parte das músicas dessa época não me lembro como descobri: às vezes por causa da *Bizz* ou às vezes por causa de Rodrigo. A revista *Bizz*, surgiu em

⁹ Link de acesso ao show: <<https://www.youtube.com/watch?v=FDfifVJDONY>>.

¹⁰ Link de acesso ao show: <<https://www.youtube.com/watch?v=PrKEEYJTpJY>>.

¹¹ Link de acesso a clipe: <<https://www.youtube.com/watch?v=b2bzcCKDwc>>.

1985 e me apresentou várias bandas de rock e pop eletrônico. Pelas suas resenhas e pela sua discoteca básica fui formado. Com Rodrigo, dividíamos por mês os álbuns que cada um podia comprar e um gravava para o outro o que outro não tinha. O dinheiro era difícil para importar LPs. Fazíamos trocas de fitas cassetes até pelo correio, mas uma das descobertas que mais nos perturbou foi o *Velvet Underground*. Não conhecíamos ninguém que tivesse nada deles. Líamos as matérias e ficávamos cada vez mais curiosos até que por acaso descobri, uma coletânea do Velvet na biblioteca do Instituto Goethe onde estudava alemão sonhando em conseguir uma bolsa para ir para Berlin Ocidental, descobrindo Wim Wenders e tantos outros cineastas, me introduzindo na música eletrônica. Peguei emprestado e corri para casa e cada faixa que ouvíamos, eu e Rodrigo, ficávamos emocionados pelos anos 60 que nos era revelado.

As vozes secas e antidramáticas de Lou e Nico. Letras sobre desencontros, boêmios, travestis, pessoas comuns e anônimas, nas ruas de Nova Iorque que pareciam solitárias e devastadas. Nada de experiências psicodélicas, celebrações de paz e amor. Para o *Velvet* o sonho já tinha acabado mesmo, enquanto as revoltas estudantis e contraculturais incendiavam grande parte do planeta. Suas dissonâncias e desencantos ocuparam o lugar de banda favorita dos anos 60. Nem Beatles, nem Rolling Stones, como para tantos colegas nossos. O *Velvet* criou um passado para as bandas contemporâneas que amávamos. Descobrimos também, *Stooges e Doors*, mas nenhuma delas tirou lugar do *Velvet*. Bem mais tarde, em 91, enfrentei fila para a pré-estreia do filme de Oliver Stone. Enfim, muita coisa falamos sobre as músicas da coletânea do *Velvet* até que Rodrigo decidiu roubar o LP da biblioteca. Ele se inscreve, pega emprestado o disco e nunca mais devolve, nem passa mais pela biblioteca. Falo que outros que nem nós poderíamos descobrir aquela banda, mas não tinha carimbo de ninguém no papel de empréstimo, só o meu, e então o dele. Viu. Ele me disse. Ninguém nunca pegou esse disco. Ninguém se importa e vou cuidar dele melhor que a bibliotecária. Fico sem resposta. Gravo o disco. Devolvo pra ele. É verdade que ele

gravava para quem se interessava. Passa o tempo. Outras bandas aparecem. Outros filmes. Ele não gostava tanto de ler como eu. As longas conversas eram sempre sobre música e filmes.

A gente ficava um do lado do outro falando, ouvindo música, mas não sabia muito dele, já tinha conhecido, a mãe, o irmão, o melhor amigo de infância. Minha mãe também já conhecia e perguntava por ele. Ele tinha um jeito sério, mas às vezes os olhos verdes, sim verdes, mas verdes claros, também sorriam. E eu sempre tímido, nem sabia se sorria ou só lia alto pra ele um trecho do livro que estava lendo. Às vezes me dava um aperto no coração e queria deitar no peito dele e dizer “eu quero me matar, eu não entendo estar vivo, eu não tenho pai, minha mãe me sacode todo dia e grita acorda, levanta, vadio, vai trabalhar. Eu quero ler poesia, eu nunca tive um amigo, eu nunca recebi uma carta. Fico caminhando à noite pelos bares, eu tenho medo de dormir, eu tenho medo de acordar, acabo jogando sinuca a madrugada toda e indo dormir quando o sol já está acordando eu completamente bêbado. Eu nasci neste tempo em que tudo acabou, eu não tenho futuro, eu não acredito em nada” (ABREU, 2014, p. 67). Queria dizer isto tudo de uma vez, mas não digo. Só fico olhando pra ele.

De verdade, de verdade mesmo, digo, mas estava lendo um trecho de um autor que nunca tinha lido antes. Caio Fernando Abreu. Me lembro que ele tinha tido sucesso com um outro livro, *Morangos Mofados* (1982). Também não tinha lido. Ninguém falava dele no segundo grau e eu ainda não tinha feito literatura brasileira contemporânea na faculdade. O que estava lendo agora era *Dragões não conhecem o Paraíso* (1988). Os professores falavam de um monte de autores e nomes que eu nunca tinha ouvido falar. O que eu tinha estudado até os 18 anos? Uma sensação de não saber nada a cada novo autor, a cada termo para entender. E eu tinha sido bom aluno, tímido, mas bom aluno. Continuava tímido. Já anoitecia. Hora de jantar. Rodrigo disse que tinha de ir. Falou. Tchau.

Um beijo cruza o oceano

Mas pouco a pouco Brasília não era mais só Londres ou Nova Iorque, era também São Paulo da galeria do rock, das gravadoras Wop Bop e Baratos Afins, de bandas de rock que desapareceram no tempo, transitando da tensão nervosa punk para a neopsicodeliga de *Violeta de Outono*, até a uma curiosa e inesperada aproximação com o samba em *Samba do Morro de Chance*, *Não há Morte de Vzyadoq Moe*, *Tabu de Fellini* ou *Eu sou o Rio de Black Future*. O desencanto que poderia ser com a Nova República abatida pelo fenômeno Collor e pelo discurso neoliberal, também era eu que não me sentia mais jovem como os protagonistas de *Onde Andará Dulce Veiga* de Caio Fernando Abreu e *Velvet Goldmine* de Todd Haynes. Os anos 90 começavam.

O grunge reavivava o som básico dos punks. Cenas alternativas do noise e do pós-rock se multiplicavam mundo à fora. Claro, preferia os shoegazers, em especial, *My Bloody Valentine* e *Slowdive*, minhas bandas favoritas, que criavam paisagens sonoras a partir de distorções. Também a cultura rave se expandia pela house, pelo techno, pelo trance. O drum and bass e o trip hop eram o contraponto melancólico da cultura do êxtase. E eu ficava cada vez mais perdido entre tantos sons, entre tempos como os personagens de Wong Kar-Wai, andando sem saber a onde pertencer, onde ficar, para onde ir. Se a mãe de Wong kar wai, como meu pai, ouviam Nat King Cole¹², no seu elegante trânsito entre referências da música pop, latinas e negras, preferia o clássico “*Perfidia*”¹³ tocado pelo grupo mexicano Café Tacvba.

Pouco importou nos tantos anos que se passaram entre quando essas músicas foram ouvidas pela primeira vez e agora, trazidas por um beijo que veio de Oscar Wilde e Bowie, cruzando o oceano, apesar de talvez nunca ter voltado... Não buscava um outro pai, menos ainda uma figura paterna, nem ancestrais definidos pelo sangue, pela etnia,

¹² Link de acesso a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=2soyqL1EONM>>.

¹³ Link de acesso a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=hl47dyjwehc>>.

por raça, mas pela sensibilidade, procurando como Brigida Baltar¹⁴ que ao capturar neblina, ia também pouco a pouco se dissolvendo, na paisagem pouco a pouco até que não se visse mais nada. Ou, se pudesse desapareceria numa música como a protagonista de “*Millenium Mambo*” de Hou Hsiao-Hsien ou seguindo Grace Jones, de bar em bar, em “*Nightclubbing*”¹⁵.”

Foi o que ele disse.

Para Lucca Nicoleti Adrião

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Onde andar**á Dulce Veiga?. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ABREU, Caio Fernando. “O rapaz mais triste do mundo”. In: **Os dragões não conhecem o paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 60-72.
- AMARAL, Adriana. “Children of the dark in a tropical country”: media archeology of Brazilian goth subculture and its transformations. In: PEREIRA, Cláudia. (Ed.). **Brazilian Youth**. New York and London: Routledge, 2019. p. 141-155.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito da História”. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CAETANO, Stella Mendonça. **Nas vias do underground: a cena gótica no circuito de festas da cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Territorialidades) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020.
- CIORAN, Emil. **Fragmentos de Cioran**. In: BAZZO, Ezio Flávio. (Org.). Novos Tempos, 1980
- DAPIEVE, Arthur. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. Editora 34, 1995
- FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022
- GOODLAD, Lauren; BIBBY, Michael (orgs.). **Goth: Undead subculture**. Durham: Duke University Press, 2007.
- HOLLERAN, Andrew. **Dancer from the Dance**. Random House, 1986.
- LUCIANO, Dana. “Nostalgia for an Age Yet to Come: Velvet Goldmine’s Queer Archive”. In: MCCALLUM, E.L; TUHKANEN, Mikko. (Org.). **Queer Times, Queer Becomings**. SUNY Press, 2011.
- MATOS, Olgária. Melancolia de Ulisses. In: NOVAES, Adauto. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 157-177
- NOVAK, David. “Noise”. In: NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt. (Org.). **Keywords in sound**. Durham: Duke University Press, 2015.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. In: **E-Compós**, Brasília, v. 21, n. 3, 2018.

¹⁴ Link de acesso a performance: <<https://www.youtube.com/watch?v=wVoNYVmLgo>>.

¹⁵ Link de acesso a performance: <<https://www.youtube.com/watch?v=SNJAwYxghGs>>

RODRÍGUEZ, Richard T. **A Kiss across the Ocean: Transatlantic Intimacies of British Post-Punk and US Latinidad**. Durham: Duke University Press, 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Touching feeling: affect, pedagogy, performativity**. Durham: Duke University Press, 2003.

SILVA, Wilma Regina Alves da. **Relatos etnográficos à meia-noite: o universo estético dos góticos na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Fabrício. **Guerra sensorial: música pop e cultura underground em Manchester**. Osasco: Belas Letras, 2016.

Pop Melancholia: Confessions of the Saddest Boy of the World

Abstract: When I was a teenager I was seduced to a universe of British and Brazilian bands from the 1980's. The gothic has attracted me by its plain taste of black clothes. I have loved to walk by the streets of Brasilia with long hair and wearing priest collar shirt and long overcoat. But the attraction wasn't only to a way of dressing but to a way of being in the world. London, Brasilia, Western Berlin and São Paulo seemed to be neighbours at the recorded tapes of álbuns available only to those who travelled abroad ou sent by mail. The references would go to toher times like the Discovery of the issues raised by the main character of Nausea by Sartre, which original title was Melancholia. I believe that my taste for romantic and symbolist poetry, topics of my research for Scientifica Initiation fellowship, was developed because of the songs of Siouxsie and the Banshees, The Cure, Smiths, Echo and the Bunnymen. Facing the denial of pain and the cult of happiness at any cost, the discussion on melancholia inside art was a way of learning based with a dealing with death that has a history at Modernity that goes through princes in crysis from Baroque, suicidal romantic poets, decadentist poets. I am trying to map this sensibility in dialogue with a meda culture, here starting from a post punk experience at the 1980s as well as from a queer reading that has reread minor affects such as melancholia.

Keywords: Melancholia; postpunk; queer.

Recebido: 16/05/2023

Aceito: 27/09/2023